

# É PRECISO

**H**á 23 anos - quando eu tinha 20 -, ouvi pela primeira vez a palavra *empreendedor*, em um curso de Formação de Sucessores, promovido pela Cia. Cedro Cachoeira, importante indústria têxtil de Minas.

A palestra foi ministrada pelo saudoso consultor e escritor paulista João Bosco Lodi. Suas palavras naquele curso nunca mais saíram da minha mente. Confesso que, no dia da palestra, fiquei completamente atordoada, e muito do que ele disse eu só compreendi anos mais tarde, com a minha trajetória profissional.



# mudar



July Mascarenhas\*

O curso era destinado a um grupo de aproximadamente 60 jovens, todos da família Mascarenhas, de Belo Horizonte, e acionistas da empresa. Formamos o primeiro Conselho Jovem de Minas Gerais.

O primeiro mandamento de Lodi, que ele repetiu durante todos os momentos conosco, foi: “Não venham trabalhar na Cedro! Não pautem suas carreiras na companhia!” Mas como? Nascemos ouvindo falar de fios, tecidos, algodão, tramas, estamparias... O sonho de todos era justamente entrar para a companhia, ter uma carreira garantida, já que nossas veias não eram de sangue e sim de fios! E ele vem nos dizer para não trabalharmos na empresa?

O segundo mandamento, que ele também não cansou de repetir, foi: “Abram o seu próprio negócio! Sejam empreendedores!” Bem, era a primeira vez que ouvia essa palavra. Afinal de contas, o que era ser um empreendedor? João Bosco Lodi nos entregou um manual que continha os mandamentos de um empreendedor e de um patrocinador de empreendedores - guardei com tanto carinho esse material

que não consegui encontrá-lo para ilustrar este artigo.

O terceiro mandamento, que também me causou susto, foi: “Abram o seu negócio sem dinheiro! Negócio que dá certo é negócio que começa no fundo da garagem.”

Estava ali aquele homem quebrando todos os paradigmas a que nós - os sucessores - estávamos acostumados. Quando começamos o curso de Formação de Sucessores, achávamos que ele iria nos dizer o que fazer para sermos ótimos executivos da empresa que herdávamos, e ele disse exatamente o contrário.

Ele sabia que, no Brasil, ainda éramos analfabetos em empreendedorismo, que a escola tradicional estava longe de formar pessoas com características empreendedoras, e que a melhor escola de empreendedorismo era justamente o negócio de fundo de garagem.

Ao final da palestra, Lodi disse: “Sejam competentes empreendedores fora da Cedro Cachoeira. Sejam eficazes e competentes em seus negócios, para que um dia a companhia *deseje* usufruir de seus conhecimentos. Não porque vocês

são herdeiros, e sim porque são empreendedores competentes!”

Por sorte, estava no início da minha vida profissional, e esses conselhos sempre voltam à minha mente nos momentos mais difíceis. Aquelas palavras solidificaram o meu desejo de montar o meu negócio. Comecei com uma locadora de livros. Depois vieram a Thearte Escola de Teatro, a Sistemas Integrados de Treinamento (SIT) e a MS Consultoria. Hoje, finalmente, veio a Xekalakis - empresa de eventos culturais e empresariais, que já atua no mercado há quatro anos.

O meu aprendizado como empreendedora foi empírico. Fui tentando, caindo, subindo, achando, lendo, buscando e procurando saber cada vez mais. Mas a vida de um empreendedor iniciante é dura feito pedra! Não temos dinheiro, não entendemos de finanças, não sabemos de marketing, nada sobre leis, contabilidade, direitos trabalhistas e não podemos contratar consultores. O dinheiro não vem mensalmente, não é certo no final do mês. Somos os últimos a receber, pois os primeiros são os nossos locadores, as companhias de água e luz, o governo e nossos auxiliares. Se sobrar, depois de tudo, aí, sim, vem o lucro.

## ... a vida de um empreendedor iniciante é dura feito pedra!

Além desses problemas recorrentes de um empreendedor de fundo de garagem, as pessoas que te rodeiam parecem acreditar que o seu “negócio” é como um “sonho”. Você é visto como um sonhador e não como um *empreendedor*. Sua família começa a exigir que você dê resultados financeiros rápidos, afinal de contas você tem gente para sustentar. E começa a questionar por que você não arruma um emprego, com salário certo no final do mês, com “segurança”, ou então por que você não tenta um concurso público, para no final da vida ter uma aposentadoria tranquila. E ninguém te compreende.

É difícil ser empreendedor no Brasil. Não temos cultura empreendedora. Pelo contrário, temos medo de falar de dinheiro, temos vergonha de ser ricos, na escola não ouvimos *uma palavra* sobre dinheiro. A única coisa em que pensamos na escola é *como passar no vestibular*. Mas passar no vestibular para quê? Para conseguirmos um ótimo emprego? A riqueza de um país é gerada pela ação de empreendedores. O governo se sustenta do trabalho gerado pelos empreendedores. Os empregos existem porque existem empreendedores.

É incongruência de nossa Nação não educar pessoas com perfil empreendedor. Acredito que mudanças drásticas na forma de ensinar seriam trazidas por uma

nova postura. A seguir, algumas propostas:

**1** Os professores, além de detentores de conhecimentos técnicos, serão microempresários.

**2** As salas de aula serão salas de conversa, debate, negociação e criação de projetos.

**3** Os professores serão sujeitos entusiasmados, confiantes, ricos.

**4** As pesquisas serão realizadas dentro das empresas.

**5** A palavra *vestibular* não será mencionada nunca. Somente quando o projeto de negócio de cada aluno estiver vivamente definido.

**6** Os pais não irão incentivar os filhos a seguir carreiras públicas ou a conseguir empregos seguros para o resto da vida.

**7** As aulas de empreendedorismo começarão no maternal e nunca mais terminarão na vida dos alunos.

**8** Os alunos serão submetidos a riscos financeiros e terão de decidir sobre vários assuntos.

**9** A palavra *dinheiro* será dita de maneira entusiasmante por professores, diretores, colegas, religiosos.

**10** Os alunos não se reunirão em panelinhas, mas em verdadeiras equipes e times vencedores.

**11** A aula será uma caminhada para o sucesso pessoal e financeiro.

**12** A matemática será substituída por contabilidade; história por marketing; português por comunicação empresarial; geografia por projetos de negócios.

**13** Os ricos não serão vistos como “detentores maléficos do capital” ou “capitalistas selvagens”, e, sim, como o que são: geradores de riquezas.

Será que ainda estamos longe disso? Se estivermos, é bom que andemos rápido, pois a única saída para o nosso País no mundo globalizado é sermos empreendedores de sucesso!

Por toda essa vivência no empreendedorismo, e por minha vontade enorme de contribuir para a mudança da cultura no meu País, criei o Jogo do R\$eal: uma gincana financeira, em que os alunos vivenciam, com experiências práticas, todos os sabores de ser um empreendedor. Com isso, plantamos sementinhas de empreendedorismo em todos os lugares, assim como o professor João Bosco Lodi plantou em mim.

Espero, um dia, ser convidada a prestar serviços para a querida Cia. Cedro Cachoeira, não pelo direito de herança, mas pela minha competência! ■

\*Consultora de Recursos Humanos